

Economistas pregam

nomia

Jornal de Brasília • 5

transição sem choque

O Governo não tem outra saída senão empurrar a economia com a barriga até a pósse do novo presidente, quebrando, porém, as expectativas de hiperinflação. Em resumo, esta é a opinião quase que unânime dos dez economistas que participaram ontem de um jantar-reunião com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Eles não acreditam na possibilidade de quedas na inflação ou de estabilização do índice em 30% até o final do Governo, mesmo assim dizem que o País ainda não corre o risco de ingressar na hiperinflação.

O economista Francisco Lopes, um dos pais do Plano Cruzado, afirmou antes de entrar na residência oficial de Mailson da Nóbrega que há uma tendência de aceleração inflacionária, mas o Governo não deve agora tentar "piruetas" (choques). Segundo ele, o ministro da Fazenda está correto em defender as reservas cambiais e preparar o terreno para o próximo Governo. Lopes é favorável à betenização "ao máximo", inclusive com a sua aplicação gradual nos salários.

Para o economista Carlos Longo (USP), é possível manter o otimismo com uma expectativa inflacionária entre 30 e 35% até o final do segundo semestre. Lembrou que o limite da hiperinflação é a aceleração sem controle dos índices, o que ainda está longe de ocorrer no País já que é nítido o processo de desaceleração. De acordo com o economista, o Brasil está longe de conviver com a dolarização como ocorreu com a Argentina, mas se o Governo insistir somente na política monetária poderá levar o País à hiperinflação.

O tributarista Antoninho Trevisan também é de opinião de que não há mais nada a fazer em termos econômicos pelo atual Governo. Ele criticou, entretanto, a idéia de reintrodução da alíquota de 35% na tabela do Imposto de Renda, proposta por alguns parlamentares. De acordo com Trevisan, isso representaria uma "quebra do pacto" feito entre o Congresso e os contribuintes. Defendeu também uma completa revisão dos incentivos fiscais, criados há 25 anos.